

N^o 3

REVISTA DO NORTE

RECIFE, 30. DE MARÇO DE 1891

Contribuições para a historia do Direito

PRIMEIROS MOMENTOS DA EVOLUÇÃO ETHICO-JURIDICA:—O SELVAGEM

(Continuação)



com a monogamia que o parentesco paterno, a cognação se estabelece predo minantemente, excluindo a agnação para afinal se combinarem ambas n'um systema harmonico que é o nosso. Esta evolução foi longa e complicada. Na impossibilidade de expô-la detalhadamente, tentarei illustral-a com as considerações que se vão seguir :

Morgan (System of consanguinity and affinity) divide os systemas de parenteseo em duas grandes classes : o parentesco por descripção e o parentesco por classificação. O primeiro é o das raças aryanas, semiticas e uralianas, o segundo das raças americanas, turanianas e malaias

Lubbock, admittindo esta differença, acha que a primeira é um desenvolvimento da segunda e organisa assim o quadro do systema do parentesco :

	1 ^a ph.	2 ^a ph.	3 ^a ph.	4 ^a ph.	5 ^a ph.	6 ^a ph.
Irmã do pae.....	mãe.	tia .	tia.	tia.	tia.	tia.
filho do irmão do pae.....	irmão.	irmã.	irmão.	sobri nho	sobr.	sobr.
Filho do filho da irmã do pae.....	filho.	filho.	so b r i. nho.	sobr.	neto da tia.	neto da tia.
Filho filho do filho da irmã do pae.....	neto.	neto.	neto.	neto.	neto.	bisneto da tia.

E chega a estas conclusões : 1.^a que os termos empregados pelas raças inferiores para designar o que nós chamamos parentes não são mais do que simples expressão indicando o resultado do casamento e não comportar a idéa de parentesco tal como nós a compreendemos.

Que, de facto, o laço dos individuos *inter se*, seus deveres reciprocos, seus direitos na herança têm por base antes a relação com a tribo do que com a familia e que quando um conflicto se levanta entre as duas idéas, a idéa da familia deve ceder á da tribo.

2.^a Que a nomenclatura dos parentescos em todas os casos até aqui conhecidos não pode ser explicada si não pela theoria do progresso.

3.^a Que suppondo duas raças no mesmo estado social ; uma em via de progresso e a outra em via de degeneração, estas duas raças teriam um systema de nomenclatura necessariamente diferente.

4.^a Que algumas raças que mais se aproximam de nosso systema europeu se afastam d'elle em pontos mais ou menos explicaveis pela hypothese de que sua condição social foi outr'ora muito mais grosseira do que é presentemente (1).

Já temos visto a origem, primitiva e abscurado germen de muitos institutos juridicos nesse confuso estado de degradação e miséria humana.

Ainda muitos outros podemos descobrir com pequeno esforço. A adopção que veremos desenvolver-se de um modo especial em Roma não é desconhecida pelos selvagens; o dote e a communhão de bens (2) são uma vez ou outra praticados. Si a communhão de bens se nos apresenta como um facto de excepção não podemos dizer o mesmo do regimen dotal que nasceu da multa imposta aos guerreiros que no tempo da promiscuidade das mulheres queria ter uma ou muitas esposas exclusivamente suas. Uma vez que as mulheres eram, como o solo, propriedade da tribo, si alguém, derogando ou infringindo direito commum, tomava para si uma esposa que era sempre trazida de uma expedição guerreira, tinha que pagar uma certa multa. Essa é, me parece, a origem do dote que se foi pouco a pouco modificando e tomando os aspectos mais

(1) Op. cit. pag- 197 — 198.

(2) Uma das formas do casamento usado em Sumatra, o denominado *Se-mando* estabelece a communhão de bens, quer em relação aos aquestos posteriores no casamento quer em relação ás dividas.

variados até constituir-se um verdadeiro e vigoroso instituto juridico com o regimen dotal dos romanos que corresponde, á origem dos matrimonios livres, segundo pensa Cogliolo (3).

Para demonstrar que a origem do dote é essa que ficou assignada julgo de valor as considerações que passo á expor. Em primeiro lugar cumpre ter em vista que existe, entre os povos selvagens, o costume do casamento por compra, o que fez considerar a mulher como um elemento de economia. “Ella foi comprada, diz o Cafre, portanto deve trabalhar.”

“Entre os antigos habitantes de Yucatan, refere Spencer, si uma mulher não tinha filhos, o marido podia vendel-a, á menos que o pae não consentisse em restituir a somma que lhe tinha sido paga (4).

No Geneses, cap. XXIX, não vemos Jacob por quatorze annos de trabalho, comprar as duas filhas de Labão?

Pois bem a importancia da compra que é, nos casos citados, entregue ao pae, pensam alguns que deve ter sido anteriormente paga a tribu que era a proprietaria, em commum, do solo e das mulheres.

Em segundo lugar, o *maritagium*, sob sua forma chocante do *cnjambaje* e da *marketa* que havemos de ver expandir-se no direito feudal, é claramente uma reminiscencia do estado primitivo da propriedade commum das mulheres e do pagamento á tribu por sua posse exclusiva.

Foi, pois, desse germen que brotou o regimen dotal que teve uma grande importancia no desenvolvimento do direito em Roma.

O dote primitivo, isto é, a compra da mulher foi em principio um factor do rebaixamento já de si grande do sexo feminino, mas posteriormente, com uso de obter as esposas por troca do serviço prestado e não em troca de uma propriedade (5) e com o regimen dos romanos, foi elle um poderoso elemento para a consideração social da mais bella porção da humanidade. Será necessario accrescentar que essa consideração social, co no está provado com o trabalho de Spencer e Williams, augmenta á proporção que o regimen industrial com a confraternisação do trabalho, prepondera sobre o

(3) Cogliolo — S'aggi sopra l'evoluzione del diritto privato — Torino, 1885 pag. 32.

(4) Spencer — Sociologie trad. por M. M. Cazelles o Gorschell — vol. II, pag. 392.

(5) Spencer op. cit. pag. 360.

militarismo ? É que esse regimen, uma vez firmado, irá substituir o dote por um pacto mais em harmonia com a índole da sociedade domestica ?

Mas deixemos esses pensamentos que me levam a entrar em terreno extranho a este capitulo. E' tempo de concluir-o com algumas palavras mais sobre a condição dos filhos e em geral das creanças no periodo da civilisação que agora está em estudo.

Si os mais truculentos animaes mostram afeição á prole, são dominados pelo instincto da philoprogenitura, seria impossivel que o homem, embora selvagem, fosse destituído desse sentimento que é uma das feições porque se revela o instincto de conservação da especie. Mas o amor, que os selvagens manifestam pela geração que chamaram á vida, termina cedo e, além disso, está sugeito a intermittencias, a suffocações produzidas pelas condições precarias de sua existencia. O habitante da ilha do Fogo, como os Patagões e outros muitos, vendem seus filhos como escravos os australianos os abandonam em occasião do perigo, e alguns, segundo o testemunho de Angas, citado por Spencer fazem isca para os anzões com a carne dos filhos que mataram. O infanticidio é praticado em larga escala, pela difficuldade da criação do menino e, talvez, principalmente para diminuir o numero dos que têm de partilhar da magra alimentação ao alcance desses povos.

Entretanto, si a horda selvagem habita um terreno abundante em raizes feculentas e em bôa caça, não só o infanticidio é proscripto como o desejo de augmentar o numero dos guerreiros, dos vingadores da honra social ou da familia, faz com que os recém-nascidos sejam protegidos e os cuidados com as creanças redobrem. A estes motivos accrescentam alguns auctores o nascido da necessidade que tem cada homem de, ao morrer, deixar quem cumpra as prescrições dos ritos funebres, costume esse que já attesta um certo grão de desenvolvimento social.

Todos estes motivos, como é facil de verificar, favorecem mais o sexo masculino. E' assim que algumas nações sacrificam as filhas que nascem antes que a familia conte em seu seio um rapaz, e que, na generalidade, desprezam e maltratam as creanças que tiveram a infelicidade de trazer um sexo que não é o preferido por seus algozes.

O poder discricionario dos paes sobre os filhos, que consolidado e organizado constituirá a *patria potestas*, apparece desde os primeiros momentos em toda a sua latitude. A amenisação dos costumes

e a cultura mental é que trabalharão em cerceal-o. A rispida tyrania do chefe de familia, que subsistiu até o desmoronamento dos velhos moldes sociaes pelo tufão de oitenta e nove, finca suas raizes nessas eras afastadas em que a condição social era identica a dos selvagens actuaes.

(*Continúa*)

CLOVIS BEVILAQUA.

LUIZ MURAT

POR

SILVIO ROMERO

ESTUDO

Imagine-se um delicioso escriptor com qualidades de espirito, que encantam, com bellezas de estylo, que seduzem, occupando-se de poezia, a desinteressada arte que, no dizer de Chantavoine, não dá notoriedade nem fortuna, mas em que melhor se surprehendem a primeira eclosão do talento e o primeiro vôo de uma alma alada, e avalie-se a religiosa attenção, a profunda sympathia, o doce encanto com que li as fecundas e luminosas paginas, que Sylvio Romero esculpio a proposito das *Ondas*, de Luiz Murat.

Sylvio Romero não é um dandy da litteratura; se faz a toilette da penna, é com a gravidade do pensador, que está convencido da realisação do seu ideal.

A sua preocupação unica, constante, é o desenvolvimento da vida espiritual de seus contemporaneos, apontando-lhes atravez das formas, vagas e indecisas, das doutrinas e das escolas o ponto luminoso, que surge no horisonte do pensamento.

D'ahi o traço caracteristico das suas obras — a visão do progresso, a orientação do futuro.

Comparando-o com Tobias Barreto, já tive occasião de escrever, este é um lucido, que por traz dos factos vê, comprehende tudo, descobrindo a lei como causa, aquelle sente as transformações successivas da natureza, põe-se a frente dos acontecimentos, apontando o destino como fim.

O primeiro explica como da lagarta sahe a borboleta, o segundo entrevê que a semente vai se transformar em flor.

Se um possui essa calma, essa claridade de espirito, que eleva até a mais ampla philosophia, o outro tem essa sede, essa febre de propaganda, que torna-o um precursor a par de um excellente critico.

“ Estamos no ultimo decennio do seculo XIX, diz Sylvio Romero, e já é tempo de começar o inventario do peculio de ideias que elle terá de legar ao seculo seguinte. Aos criticos do futuro incumbirá naturalmente a missão de dizer a ultima palavra sobre qual tenha sido a contribuição verdadeiramente original de nosso tempo nas grandes lutas da intelligencia. Pelo lado scientifico, pelo religioso, pelo artistico, pelo politico, pelo social. muitos foram os trabalhos, muitas as agitações, muitas as conquistas d'esta epocha, herdeira immediata dos homens da Revolução, e que será succedida, quem sabe?... pelos homens do socialismo triumphante. Tendo começado pôr uma reacção apparente contra os principios dos *Encyclopedistas*, contra as doutrinas dos terroristas de 93, nosso seculo será provavelmente assignalado na historia por haver feito triumphar definitivamente na instrucção geral dos espiritos a doutrina da evolução lenta e gradativa de todos os phenomenos cosmicos, biologicos, politicos, artisticos e sociaes. De todas as características que lhe tem sido imaginadas é a que nos parece mais acertada, a que mais em cheio lhe pode assentar.”

“ E foram os estudos que têm o homem por objecto, os chamados estudos moraes, nomeadamente os historicos, que mais contribuíram para esse grande resultado. Por imponente que seja o magico aspecto da faina sorprendente da industria contemporanea, por magestoso que seja o edificio em nosso seculo levantado pelas sciencias physicas e naturaes, por distanciados que se mostrem de quantos nos haviam legado as idades anteriores, ousamos affirmar que se acham offuscados pela construcção maravilhosa dos estudos historicos.”

Muito de proposito transcrevo as presentes linhas : o novo dogma da evolução é, com effeito, o grande legado d'este seculo ao vindouro, e foram realmente os estudos moraes, sociaes e estheticos

que fizeram aquelle principio dominar a maioria dos espiritos; mas o que vimos ultimamente por occasião da reforma do ensino secundario, destinada a todos os Estados da União Brasileira ?

Banido o lado humano do ensino desde a psychologia até a philosophia, substituidos pelos chamados conhecimentos especiaes aquelles estudos, que mais contribuíram para a crença no progresso indefinido.

Emquanto entre os outros povos vai dominando a ideia de dar ao ensino uma feição historica, moral e philosophica, nós caminhamos para o especialismo, que é a negação de todo espirito scientifico propriamente dito.

“O discipulo, diz excellentemente Fouillée, é entregue a uma successão de mestres, cada um dos quaes ensina isoladamente sua especialidade; resta saber se uma serie de especialidades forma uma verdadeira unidade, se as forças intellectuaes da mocidade, que são tambem forças sociaes, não são em parte desperdiçadas por falta de concentração e direcção.”

Sob o pretexto de acostumar-se a mocidade brasileira a observar, experimentar e induzir, sacrificou-se a parte interessante do saber, a parte humana, o que nas sciencias ha de verdadeiramente educador, a sua historia, a sua philosophia, a sua poezia, á parte puramente objectiva, “á enumeração e inventario dos factos ou das leis”, e deste modo cortou-se barbaramente o vôo da alma nacional para as mais altas regiões do pensamento e a sua marcha para os mais nobres destinos da humanidade.

Nós marchamos, mas para onde vamos? Em que sentido se opera a nossa evolução? Qual a direcção do nosso desenvolvimento? Por que transformações vão passar os nossos elementos de civilização? Na luta pelo progresso o que entre nós vai surgir de novo?

São questões estas que não podem deixar de interessar ao critico que é ao mesmo tempo um pensador, e cuja missão não é outra senão fixar profundamente o olhar sobre o presente para, por meio da logica, levantar o veo, que occulta o futuro.

Deixando o dominio das industrias, onde as sciencias physicas, tornando o homem, por assim dizer, senhor do universo, cream maravilhas que encontram, milagres que deslumbram, Sylvio Romero indaga se as artes, e especialmente a poezia, seguem a mesma marcha para o futuro, ou se, pelo contrario, ellas tendem a desaparecer, como producto de um estado de espirito que passou.

A respeito da poezia, li tão bellas cousas no trabalho do vigoroso critico e pensador que, tendo escripto, ha annos, que o verso banido de todos os dominios do pensamento, da philosophia, da historia, da sciencia, refugiou-se no pequeno terreno da poezia ligeira, tomando a forma do soneto para exprimir sentimentos ternos e delicados, mas tão fugitivos e ephemeros como o olhar rapido e a lagrima espiritualisada, que os inspirou sinto-me tentado a fazer a apologia da poezia, e disposto a encaral a como a mais expontanea, seivosa e pujante creação da vida espiritual.

Mas entre a antiga negação e a actual affirmativa a verdade parece estar em que a poezia continua a existir, posto que sem função social.

Foi o mesmo que se deu com as religiões ; estas vão desapparecendo como instituições em quanto o mysticismo não deixa de vibrar a alma humana como ideal.

A grande força social no mundo moderno é a sciencia, e se não pôde dizer-se que elia seja o unico motor moral, é fora de duvida que a influencia cada vez mais preponderante da ideia nasce da comprehensão do universo, do saber, que satisfaz a um tempo essa necessidade de representação e de *reverie*, que existe no fundo da natureza humana, e que constitue o objecto especial da poezia e da religião.

(*Continúa*).

ARTHUR ORLANDO.



A ESCOLA NO BRAZIL

Nenhum assumpto tem sido tão discutido nos paizes civilisados e mesmo em nossa terra, como o da instrucção e da educação das gerações novas. Apezar disto, nenhuma questão, attenta a felicidade geral dos povos, é mais importante e carecedôra de esclarecimentos do que esta, dependente de milhares de condições e sujeita a modificações diversas, devidas aos estados sociaes e politicos em que podemos nos achar.

* * *

O Brazil não tem escolas.

Se os numeros não tivessem essa força prodigiosa de mostrar a verdade, clara e irrecusavel, seria um paradoxo o que acabamos de affirmar. A confrontação de dados estatísticos e um pequeno estudo que fazemos, a todos convencerão da verdade enunciada.

A Grande Republica Americana do Norte emprega na Instrucção, pouco mais ou menos, uma quarta e muitas vezes uma terça parte de sua receita.

Ali, a escola é uma familia, diz um notavel publicista, onde só ha irmãos e irmãs que disputam o premio do estudo.

E' a imagem da familia e da sociedade,

Ali todas as communhões, todas as opiniões rivalisam para fazer das escolas o estabelecimento máis rico e mais dotado do paiz. As communas fornecem o livro, o papel, as pennas e a instrucção avança.

Ali, se comprehende que a instrucção e a educação são effectivamente as unicas forças impulsionadoras do engrandecimento nacional.

Não é somente ali :

A Allemanha, a Grecia dos tempos modernos nas palavras eloquentes de Latino Coelho, aperfeiçoa o seu ensino e desde 1819, isto é, depois que a Instrucção Publica passou do Ministerio do Interior para o especial, operou-se uma mudança benefica nos negocios da Escola.

A França decreta o ensino leigo e melhora os methodos, modos e processos de ensino ; a Hollanda multiplica as Escolas ; e a Italia reorganisa as casas de instrucção.

A patria de Guttemberg, conta hoje 60,000 escolas, uma por 600 habitantes ; a Italia possui 47,000, uma por 600 ; a França 71,000, uma por 500 ; e a Federação Americana tem uma escola por 160 habitantes.

E o Brazil ?

A nossa patria conta apenas uma escola por 2000 brasileiros, comprehendidos os estabelecimentos particulares.

E' verdade que em S. Paulo e em Pernambuco $\frac{1}{6}$ de mais, da receita pertence ao ensino. Mas, quando dizemos — o Brazil não tem escolas, não queremos referir somente ao numero dellas,

A Escola é um meio e não um fim, diz Horacio Mann ; resta saber se ella presta o serviço a que é destinada.

E' da organisação das escolas que dependem a educação e a instrucção reaes de um povo.

Julio Simon fallando á França dizia : “ Não nos fica bem fazermos nos de pobres e timidos em materia de instrucção, quando somos generosos e prodigos para tudo mais e muitas vezes fóra de proposito.” Pode se referir ao Brazil as mesmas palavras do illustre publicista.

A má organização de nossas casas de ensino, a falta de orientação que tem presidido as nossas reformas de instrucção, converteram a nossa escola em uma quasi nullidade.

Referimos-nos ao geral, pois não desconhecemos o esforço de mestres que fazem de sua profissão, um verdadeiro sacerdocio, empregando na educação de seus jovens concidadãos todá a actividade possível.

A escola brasileira é hoje ainda, o que era á 10 ou 20 annos passados. O mesmo systema de leitura e extravagante syllabação, o mesmo methodo calligraphico, as mesmas licções decoradas que atrophiam o discernimento das crianças, tornanda-as incapazes de um desenvolvimento mental compativel com o estado de adiantamento de nosso seculo.

O mestre é, em geral, um homem a quem falta qualquer outro meio de subsistencia e que por amizade de um governo obteve a direcção de uma escola, ou fez-se de perceptor, enquanto espera *melhores tempos*.

Em vez da escolha de vocações e aptidões, temos o imperio do nepotismo e o abandono da mais seria instituição de um povo.

Nos programmas, nos relatorios, em summa, nas theorias, são proclamados os novos methodos e observados os preceitos da Pedagogia hodierna; na pratica, porem, encontra-se o esquecimento completo d'aquellas disposições e o imperio absoluto da *rotina*.

As nossas escolas do campo são, geralmente, instituições inuteis, pela inhabilitação dos que as dirigem.

Sabem-no os nossos governos e não o contestam os nossos chefes do serviço escolar.

Assim, podemos affirmar: O Brazil não tem escolas.

OLINTHO VICTOR.



COMMERCIO



commercio — entre todos os povos mero intermediario das classes que produzem — em regra padece elevação ou baixa em sua economia conforme se altera para melhor ou para peor a economia do productor. As praças oscillam — por isso que a sua natureza é improductiva, — entre a riqueza e a fallencia; mas dependentes unicamente, por elos moveis de credito e revendagem, da maior ou menor estabilidade de factores basicos, viciaes: productividade geral e abundante, posição technica de industrias, artes e manufacturas, preço remunerador do producto, expansibilidade e multiplicidade das transmissões e equilibrio do consumo. Só disto é que deve estar dependente a sorte do intermediario commercial: dependencia essencial das outras classes, mas unica.

No Brazil tal dependencia, revelada objectivamente — como em geral — por uma especie de fluctuação historica, forçou a pessima condição actual do commercio, resultante fatal da influencia negativa do trabalho servil na cultura de uma industria que elle creou unica e que assentou sobre terra monopolisada hereditariamente, o que vale dizer: immobilisada, inculta, e desvalorisada.

Mas desta condição especial de pauperismo e estagnação só tal influencia tem a culpa. E só ella.

Por outro lado, porem, o Fisco brasileiro, obrigado — para despendar com uma grande nação ociosa — á colher somente da classe productora unica existente e de sua satellite intermediaria; tem quasi esgotado, exaurido, á ambas por meio de percepções indirectas — com a aggravante de gastar grandes porções da colheita em esbanjamentos colossaes. De maneira que a fazenda brasileira, já tolhida em seu crescimento espontaneo pela parasita do Escravo, foi ainda por cima diminuida de volume, expoliada annualmente em seus fructos pèccos, pelas garras concentricas das Harpyas do Fisco.

Esta, — propriamente, — é que é a culpa que pode ser levada a conta do Estado, melhor: da centralisação, na decadencia crescente do tronco agricola e do commercial, — decadencia chronologicamente posterior a essa estagnação que o escravo gerou para ambos como um outomno perpetuo.

Parece, porem, actualmente que o Estado tenta se substituir á escravidão desaparecida, pelo menos em bôa parte de seus effeitos praticos.

Só assim se poderá explicar porque a Centralisação nos trez ultimos annos tem augmentado e acaba agora mesmo de dobrar a acção fiscal na operação de diminuir e expoliar a fazenda nacional.

Pois á tanto equivale hoje ordenar no paiz do papel-moeda que o pagamento da taxa aduaneira de importação seja feito em ouro, a preço fixo para o Estado e fluctuante para o importador; medida que nem pode ter entre nós merito de protecçionismo e quando menos significaria fomento ao contrabando ou á falsificação. Este pagamento em ouro equivale-nos aproximadamente o augmento de 40 a 50 % sobre a renda media de 95 mil contos da importação brasileira annual, melhor e mais pingue porção de todos os nossos Orçamentos.

Augmentar de metade — em plena paz — a contribuição já excessiva de um imposto que rende immemorialmente muito mais de dois terços da Receita Geral, só o Brazil supportaria!

Admira sobretudo como o commercio, principalmente em Pernambuco e em todo o Norte, pode supportar o peso de tal carga sem se desmandibular e sem reagir!

E' verdade que já o imposto de consumo — metamorphoseado no de gyro, — inconstitucional e absurdo, havia nos dias ultimos do Imperio roubado sem retorno á praça maritima do Recife toda essa clientela externa que lhe era fornecida e garantida pela posição topographica que occupamos na America do Sul.

O imposto em ouro, porem, tem mais outra razão de insupportabilidade que não somente a de importar — pela superelevação de mais metade no preço commum da mercadoria — em diminuição assombrosa do consumo interno e pois do movimento mercantil.

O imposto em ouro no Norte é uma lesão sem nome! Golpe na bolsa individual e golpe na fidelidade devida, em identidade de condições, a um dos socios da União, sempre prompto com seu dinheiro e até com seu sangue á contribuir e cooperar para o movimento geral

Não ha quem não saiba que na vespera da lei 13 de Maio o ouro estrangeiro, até então em simples expectativa, fundiu-se immediatamente em viva e declarada sympathia pelo Brazil. Desvanecida — por ex:— a esperança do capital francez no Egypto, este se preparou para emigrar e entrar em nosso paiz. Deu-se o mesmo phenomeno com

a Immigração. No dia seguinte, ou por precipitação ou por calculo, os banqueiros da monarchia voaram á Europa, estipularam-lhe premios elevados que foram garantidos pelo Thezouro á custa até da cessão do direito magestático de emittir, e — desviando-o assim da missão civilisadora que lhe estava reservada entre nós — trancou-o todo nas arcas monopolisadoras do Banco Nacional e seus innumeros satellites, onde elle foi servir de lastro a emissões ruinosas e subversivas de papel em proporção talvez de 5 vezes mais que os 180 mil contos da circulação fiduciaria de então.

E no dia posterior ao exílio imperial o governo successor,— substituido o lastro do ouro pelo lastro peor da apolice,— augmentou talvez de duas vezes (não ha dados para assegurar com exactidão) esta circulação perigosissima por meio de emissões novas e maiores.

Qualquer, porem, dessas duas alluviões de papel que têm feito momentaneamente a riqueza artificial da praça do Rio e suas limitrophes, não passou dos Estados do Sul. Ao Norte não mandaram desse presente de gregos nem a cauda.

De maneira que neste extraordinario momento critico de nossas finanças—tanto mais critico quanto parece até que o cavallo de Troya traz no seu bojo os germens da bancarrota e da separação — a posição objectiva dos dous socios da communhão brazileira é perfectamente esta :

O imposto em ouro equivalendo aos 50 % já demonstrados, — o Sul paga hoje ao Fisco esse augmento de mais metade da contribuição antiga, mas paga-o em moeda momentaneamente decuplicada de valor ;

Emquanto o Norte paga-lhe o mesmo augmento de mais metade — da mesma contribuição — na mesmissima moeda antiga.

O sul pode pagar, portanto; o Norte não pode!

O imposto em ouro vale a primeira proposta de dissolução da sociedade. E' uma lesão sem nome !

O commercio de Pernambuco prepare-se para provação maior. Soffra porem a tempestade toda porque o dia seguinte parece ser o da bonança.

As linhas e os eios da centralisação financial entre a Europa e o Rio hão de romper-se com a bancarrota, como o foram em melhores condições no Rio da Prata. E o Recife tem posição oriental e proxima. E a lavoura Pernambucana,—apezar da borrasca do odio,

do fisco e da crise que a açoita ha 13 annos,—dobra evidentemente de producção desde o dia em que a iniciativa popular e a lei desalgemaram o Escravo.

FERNANDO DE CASTRO.

O MEU ALBUM



Si foi bem um sonho não sei; mas a verdade é que tinha o espirito muito fatigado, quando appareceu-me a figura de um cavalheiro que, com a eloquencia dos que soffrem, dizia: Como explicar o phenomeno? Pretenderá ella inflingir-me todas as angustias e torturas do isolamento? O que significa aquella extravagante recusa? Não é o par que é verdadeiramente fecundo? Porque não ser generosa para comigo que sinto uma sêde ardente de expansão? Os solitarios, de corpo ou de espirito, não são naturezas estereis? Uma alma perfeita e acabada não é a união de dous espiritos que se completam?

A estas palavras respondeu uma voz terna e doce, que partia do coração :

— Louco, ha quatro annos que a tua imagem me segue por toda parte e ha quatro annos que fujo de ti, como quem foge de uma catastrophe. Para que quebrar o encanto de uma illusão que não deve acabar senão com as delicias da morte? O primeiro beijo, que nos unisse os labios, suffocaria o teu divino furor na mais amarga decepção. Esse delirio, fonte de tantas inspirações, se dissiparia no dia em que nos sentissimos um nos braços do outro, com as mãos geladas, e o sangue escaldado nas veias. Entretanto eu não mentiria se dissesse que o meu ardente desejo era caminhar sempre ao teu lado por uma estrada sem fim sentindo o calor do teu corpo e ouvindo as confidencias da tua alma; mas seria transformar-me em marmore, perder toda a força magica da minha natureza sobre a tua, deixar-me possuir por ti. Esquece-me, bane-me do teu espirito, e eu continuarei a consagrar-te o mesmo sentimento casto e puro, que

não aniquilará a tua personalidade, e que me poupará a decepção de sentir a bocca cheia de cinza depois de ter mordido o delicioso fructo do amor.

— Discordo, interrompeu um velho, em quem não se sabia o que mais admirar, se a sciencia abstracta ou se o tacto mundano ; o teu espirito, meu filho, não vê senão o commum, o geral, emquanto que tu, minha filha, vês tudo que é individual, especial. Bello par aquelle em que um caminha para a simplificação, para a assimilação, e o outro para a heterogeneidade, para a differenciação. Bello ideal o de *psyché*. de um lado representando a sciencia, que tudo identifica, e do outro lado a natureza que tudo differencia. Porque furtar-vos meus filhos, a esta fecunda collaboração do geral com o particular, do homogeneo com o heterogeneo, do simples com o composto ? A suprema ventura não é a união de um espirito, que vê a Natureza em toda a riqueza e complexidade do seu futuro com um outro que não a vê senão na uniformidade e homogeneidade da sua origem ? Perspicacia e rasão, prudencia e ousadia, senso da realidade e hallucinação das utopias, eis o que é necessaria para a equação dos espiritos que desejam ser fecundos, eis o que constitue o genio, o par, o ser androgyno, de que fala Proudhon. Uni-vos, meus filhos, devorai-vos de caricias, confundi vossas existencias, e que a vossa vida seja uma affeição continua, sem limites.

.....

Estudo a physica, a chimica, a biologia, a philosophia, e sempre o mesmo enigma, sempre o mesmo mysterio !

O que é a vida ?

Um producto da vontade divina ?

Uma força distincta das outras forças da natureza ?

Uma simples resultante de combinações physico-chimicas ?

Em vão passo as noites em claro estudando o difficil problema: em vão observo a immensa variedade de phenomenos, desde o infinitamente pequeno até o immensamente grande, desde os archipelagos de estrellas que brilham no espaço até as libellinhas, que nascem com o frescor da manhã, nutrem-se com o pó das flores e morrem com os ultimos raios do sol ; em vão analyso o organismo mais rudimentar, o mineral mais simples, o gaz, mais leve, o fluido mais imponderavel....

O segredo da vida sempre insondavel !

Houve um momento em que julguei ter achado a solução da questão, que ha tanto tempo atormentava-me o espirito: estava descoberto o *microzoma*, "o infinitamente pequeno, organizado, estruturado, existindo por si mesmo, não procedendo senão de si mesmo."

A minha illusão, porem, durou pouco: não foi preciso muito tempo para conhecer que a hypothese de Bechamp estava em desacordo com os factos observados, com as experiencias tentadas, com as vistas novas dos sabios, com a economia geral do universo, com a tendencia moderna para uma intuição *monistica* do mundo.

Porque rasão attribuir a vida sómente ao *microsoma* e não ao atomo?

Porque não falar em um *atomo-vida* como se fala em um *atomo-força*?

(*Continúa*).

ARTHUR ORLANDO.

DUO



a verde galha do imbuzeiro annozo
que vegeta confronte ao triste lar
firme e pausado um sabiá choroso
solta dolentes magoas ao luar.

Balem rebanhos no curral. O gado
na serra agita o chucalhar sombrio.
Mudo encordôa um violão rachado
á luz da lua o sertanejo frio.

Dos chapadões nevados a casita
demora ao pé, sosinha e retirada
como a ruina onde a miseria habita.

Brame o violão. E o sabiá, -- facêto, --
da galha acompanhou toda a toada
desafiando as palmas do duêto.

FERNANDO DE CASTRO.